

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DA PERSPECTIVA CRÍTICO-
SUPERADORA**

Fernando José de Paula Cunha
Lauro Pires Xavier Neto
Jeimison de Araújo Macieira

RESUMO

Em 2008, um grupo de professores apresentou a Secretaria de Educação do Município de João Pessoa, através do edital público 01/07, um programa de formação continuada de professores de educação física na perspectiva crítico superadora que respeitasse os professores a partir de sua prática docente. O primeiro momento foi baseado no aprofundamento das abordagens pedagógicas relacionadas à educação física. Para um melhor entendimento desse programa, foi sistematizado ao longo do ano letivo de 2008 com encontros-seminários, rodas de conversas e encontros pedagógicos nos próprios locais de trabalho dos professores. Sendo destaque, a importância da valorização do professor em sua carreira.

Palavras-Chave: Formação de Professores, Educação Física, Concepção Crítico-Superadora

ABSTRACT

In 2008, a group of teachers presented the General office of Education of the Municipal district of João Pessoa, through the public announcement 01/07, a program of physical education teachers' continuous formation in the perspective of superation that you respected the teachers starting from her educational practice. The first moment was based on the deepen of the pedagogic approaches related to the physical education. For a better understanding of that program, it was systematized along the school year of 2008 with encounter-seminars, wheels of conversations and pedagogic encounters in the own places of the teachers' work. Being prominence, the importance of the teacher's valorization in his career.

Key - words: Formation of Teachers, Physical education, Conception Superation-Critical

RESUMEN

En 2008, un grupo de maestros presentó en la Secretariado General de Educación del Municipio de João Pessoa, través del informe público 01/07, un programa de formación continuada de maestros en educación físicos en la perspectiva crítico superadora con respecto a maestros en su práctica educativa. El primer momento era basado en acercamientos pedagógicos que se relacionaron con la Educación Física. Para mejores efectos de la propuesta, se ha sistematizado al largo del año escolar de 2008: encuentros - talleres, conversaciones y encuentros pedagógicos en las propias escuelas donde trabajan los maestros. Desde luego estos hechos han promovido, mediante las

encuestas promovidas con los mismos, una gran valorización del maestro en su carrera docente.

Palabras llave: Formación de Maestros, Educación Física, Concepción Crítico-Superadora

INTRODUÇÃO

O sistema capitalista de produção, com suas contradições inerentes, busca impor as políticas neoliberais que fazem avançar as propostas da reestruturação produtiva que desencadeiam a exclusão social. As políticas neoliberais enraízam-se na estrutura macro da economia, como também nas estruturas das políticas educacionais através de teorias e concepções pedagógicas que podem fortalecer o ideário do sistema capitalista. A luta da classe trabalhadora, marcada pelo sangue de milhões de pessoas que sonharam com a liberdade e com a implantação de um projeto histórico que atendesse aos anseios da maioria da população, está vinculada também ao contexto teórico-prático de idéias progressistas que podem afirmar o caráter de luta dos trabalhadores.

Neste contexto, nos deparamos com a escola, inserida na sociedade capitalista, e com as suas possibilidades de resistências as idéias hegemônicas, a partir das políticas educacionais e da realidade concreta dos professores que no seu dia-a-dia podem afirmar uma pedagogia que atenda ou não aos interesses da grande parte da população. Portanto, o que aparenta ser uma digressão torna-se elemento fulcral na análise da perspectiva do que venha ser (ou as possibilidades metodológicas) da Educação Física escolar, pois como afirmou Saviani (2002), "não é possível, portanto, compreender radicalmente a história da sociedade contemporânea sem se compreender o movimento do capital".

Na nossa realidade deparamos com algumas dificuldades para o exercício da profissão em nossas escolas públicas. Por um lado, enfrentamos dificuldades inerentes às condições físicas e materiais das escolas, por outro, exige-se dos professores a aquisição de novos conhecimentos, habilidades e atitudes na construção do trabalho pedagógico. Neste sentido, o caminho a ser percorrido passa pelo compromisso ético com a formação humana e no protagonismo de indivíduos organizados coletivamente, em prol da transformação da prática pedagógica e da construção dos saberes pelos docentes e alunos.

Nesta concepção de que o professor necessita refletir sobre sua prática tomando sua experiência profissional e as intenções sociais que os seres humanos estabelecem como o referencial para estas reflexões, podemos dizer que nossos alunos nunca aprenderão o sentido da cultura corporal se não participarem de situações orientadas e práticas sociais que propiciem o aprendizado. Logo, cabe a escola e ao professor no processo de ensino-aprendizagem, pedagogizar o conhecimento mediante as apropriações do saber escolar.

O presente artigo tem como finalidade transmitir uma experiência de formação continuada para professores de educação física da Prefeitura Municipal da cidade de João Pessoa na Paraíba.

ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA FORMAÇÃO CONTINUADA EM JOÃO PESSOA-PB

Pela primeira vez na história do município de João Pessoa – PB, a Formação Continuada de Professores realizou-se através de um Edital de Chamamento Público (001/07) que estabeleceu normas para que entidades, públicas ou privadas, pudessem concorrer através de projetos. O debate sobre a possibilidade de Chamamento Público deu-se por dentro do Conselho Municipal de Educação que exigia o rompimento da lógica, até então presente nas Formações Continuadas, vinculada aos palestrantes e total desconexão com o cotidiano da rede pública municipal de ensino. Pode-se afirmar, também, que um grupo de professores universitários, com assento no Conselho Municipal de Educação, desejava participar do processo e encontraram no Chamamento Público uma possibilidade concreta de atuação.

O referido Edital trouxe uma organização metodológica aos projetos de Formação Continuada, em diversas áreas de conhecimento, no intuito de padronizar as propostas. O Edital de Chamamento Público exigia que os projetos contemplassem as discussões específicas das áreas, bem como os chamados temas transversais, como educação para o trânsito, sexualidade, gênero etc. e ofertavam R\$ 100.000,00/ano por área de conhecimento.

O modelo sugerido pela Secretaria Municipal de Educação (SME) da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) afirmava que os projetos deveriam ter a seguinte estrutura: a) Caracterização do Projeto; b) Planos de Cursos, com ementas, carga horária e bibliografia atualizada; c) Descrição das atividades a serem desenvolvidas; d) Descrição dos resultados esperados; e) Identificação dos participantes; f) Infra-estrutura necessária e g) Recursos Financeiros.

O projeto da Formação Continuada, encaminhado pelos professores de educação física, teve como eixo a escolha de algumas das principais abordagens de ensino da educação física, que, segundo esquema montado por Castellani Filho (1998) e Assis Oliveira (2001), estão divididos em:

Concepções não-propositivas:

1. Abordagem Sociológica (BETTI, BRACHT, TUBINO);
2. Abordagem Fenomenológica (SILVINO S ANTIN e WAGNER WEY MOREIRA);
3. Abordagem Cultural (DAÓLIO).

Concepções propositivas:

a) Não-Sistematizadas

1. Abordagem Desenvolvimentista (GO TANI);
2. Abordagem Construtivista com ênfase na psicogenética (FREIRE);
3. Abordagem da Concepção de Aulas Abertas (HILDEBRANDT);
4. Abordagem a partir de referência do Lazer (MARCELINO e COSTA)
5. Abordagem Crítico-Emancipatória (KUNZ);
6. Abordagem Plural (VAGO)
7. Psicomotora (LE BOULCH, VAYER, FONSECA)

b) Sistematizadas

1. Abordagem da Aptidão Física / Saúde (NAHAS, GAYA, ARAÚJO, GUEDES);
2. Abordagem Crítico - Superadora (COLETIVO DE AUTORES)
3. PCN's (BRASIL)

Após leitura do material referente a estas abordagens de ensino, resolveu-se que a Formação Continuada de Educação Física contemplariam o histórico da área, e as seguintes abordagens: a abordagem da aptidão física e saúde, a desenvolvimentista, a corpo inteiro ou construtivista, os PCN's, a crítico-emancipatória e a crítico-superadora. Tais abordagens foram escolhidas por suas consistências teóricas e por estarem mais próximas da realidade local.

Houve um entendimento, por parte do grupo que construiu o projeto, que os professores de educação física da PMJP necessitavam de uma discussão inicial que fosse abrangente e contemplasse uma análise crítica das abordagens pedagógicas existentes na área.

O grupo de professores responsáveis pela formação se utilizou da abordagem crítico-superadora – representada pelo Coletivo de Autores (1992) que tem como aporte teórico o materialismo histórico dialético – para fazer um extenso e laborioso diálogo entre as outras abordagens de ensino. Fizemos uso da abordagem crítico-superadora pra dialogar com as outras abordagens, porque entendemos que essa perspectiva é a que mais responde as contradições presentes no atual momento político, econômico, cultural e, por conseguinte, educacional. Nesse sentido, buscou-se trazer à luz da perspectiva referida uma crítica as abordagens de ensino utilizadas durante a formação, na intenção de desvelar as contradições presentes na prática pedagógica e sua intensa relação com a realidade.

Assim, a Formação Continuada teve como objetivo geral capacitar os professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino, realizando um debate sob o olhar crítico de uma corrente progressista (marxista) da área, discutindo as diferentes concepções da Educação Física Escolar e buscando estabelecer parâmetros-metodológicos para a disciplina. Além disso, a Formação Continuada estabeleceu como meta a construção de vídeos formativos a partir das concepções da Educação Física, bem a construção do Livro Didático Público da Educação Física.

UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A formação continuada de professores foi realizada a partir da realidade concreta dos professores, alunos e comunidade escolar. Por vezes um discurso anacrônico ou distanciado da realidade pode comprometer a formação de professores. Assim, a primeira atividade da formação continuada foi o reconhecimento da realidade escolar e as conversas com os professores, alunos e administrativos. Utilizamos para tanto as rodas de conversa que serviram para ampliar a interação entre os professores (e comunidade escolar) e os professores formadores buscando uma quebra dos paradigmas, no sentido de superar a idéia da educação bancária e trazer à tona os complexos temáticos ou temas geradores, que serviram para a realização de uma avaliação constante durante o período da formação.

Uma outra atividade foram os Encontros de Formação, que aconteceram nos meses de abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro e novembro, envolvendo todos os professores da rede e constava de uma carga horária de oito horas/mês. Junto com os Encontros de Formação, aconteceram também as Vivências da Prática Escolar (que aconteciam nos nove pólos de ensino da PMJP), realizadas sempre após as discussões “teóricas” e utilizadas como um momento de vivenciar o que foi visto na teoria, a partir de uma determinada concepção teórica da educação física que foi estudada.

Assim, nesses meses indicados, ocorreram as discussões em sala de aula (leia-se também quadra/ginásio) sobre as concepções Desenvolvimentista, Construtivista, PCN’s, Crítico-Emancipatória, Aptidão Física e Saúde e Crítico-Superadora. Nesses debates (teóricos-práticos) foram analisadas e discutidas as possibilidades metodológicas das concepções da Educação Física, estabelecendo laços concretos com o cotidiano escolar a partir das idéias centrais das concepções, das metodologias de ensino, dos conteúdos e do processo avaliativo.

DESAFIOS NA FORMAÇÃO

A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

Em outubro de 2008 o DIEESE estipulou o salário mínimo necessário em R\$ 2.014,73. O salário necessário é aquele que garante ao trabalho e à sua família o atendimento às necessidades vitais, como educação, lazer, moradia, alimentação, vestuário, transporte – a partir dos preceitos constitucionais.

Em julho de 2008, o Governo Federal instituiu a Lei 11.738 (BRASIL, 2008) garantindo o Piso Salarial Nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. O valor do piso deve estar vinculado ao Plano de Carreira e Remuneração do Magistério e deve corresponder ao valor de R\$ 950,00 para àqueles profissionais recém-contratados e que possuem formação de nível médio (modalidade Normal), para uma carga horária de 40 horas semanais.

Acreditamos que o Piso Salarial do magistério público já nasce defasado e não garante melhores condições de vida e trabalho aos profissionais da educação básica. Este é um dos elementos presentes no processo histórico que deteriora a escola pública, desestabiliza o trabalho docente e agrava a saúde do profissional.

Com um Piso de R\$ 950,00 resta ao professor procurar outros empregos, fazer bicos ou ter uma jornada diária nos três turnos. O salário do professor deveria garantir a dedicação exclusiva em uma única escola, construindo assim uma relação mais ampla com a comunidade e um envolvimento constante com as atividades de planejamento e formação continuada.

Os estudos realizados por Farias (2000) e Nasário (1999), onde discutiu-se a respeito da prática pedagógica de professores de educação física, demonstram que o sistema educacional não valorizam os professores. Esse descaso tem sido promovido através de baixos salários, condições de trabalho inadequadas, excesso de aulas e falta de oportunidade para atualização profissional.

Freire, (1996) em *Pedagogia da Autonomia*, dizia que ensinar exige luta em favor dos direitos dos educadores.

“Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte.”
(FREIRE, 1996:66)

Na Paraíba o quadro é preocupante. Ainda vigora a relação ilegal de contrato precário de trabalho entre o poder público e a classe docente, infringindo os aparatos legais. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), diz, em seu artigo 67 que “Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público: I - ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos.”

Os contratos precários não obedecem aos preceitos legais da relação trabalhista. Os professores não possuem vínculo com o regime estatutário e nem tampouco são

celetistas. São presas fáceis de uma política horrenda que humilha, maltrata e gera uma relação de subserviência com os donos do poder.

O professor, de contrato precário, é o elo frágil nesse processo estúpido de dilapidação da escola pública. Durante a Formação Continuada de Professores verificamos que na rede municipal de ensino da PMJP existem muitos professores chamados de Prestadores de Serviço (P.S.) e infelizmente os números exatos que indicam quantos professores estão nesta situação não são divulgados pelo poder público. Porém durante o processo da Formação Continuada conseguimos constatar que muitos professores recebiam líquido R\$ 350,00, para uma carga horária de 20 horas (na época o salário mínimo era de R\$ 415,00). Os chamados Prestadores de Serviço são contratados sem seleção pública e alguns deles estão com mais de uma década nesta situação. A Lei do Piso Salarial garante aos professores que 1/3 de sua carga horária seja para atividades de planejamento. Aos prestadores de serviço não cabe a lei, são vinte horas de sala-de-aula e a luta incessante pela sobrevivência em outras paragens. Portanto muitos deles se queixavam da obrigatoriedade da Formação Continuada que não estava contemplada em sua carga horária e isto pode ter sido um dos elementos para que em muitos encontros, tanto da formação quanto dos pólos, ter acontecido um esvaziamento, principalmente no turno vespertino.

VIVÊNCIAS DA PRÁTICA ESCOLAR (VISITAS AOS PÓLOS DE ENSINO)

A visita aos pólos de ensino foi fundamental na relação necessária entre professor formador/professores, porque provocou uma proximidade necessária entre esses atores. Vimos como de extrema importância a troca irrestrita de conhecimentos e principalmente a aproximação do professor formador com o lócus de trabalho dos professores. Essa aproximação se encara como uma tentativa de buscar elementos para facilitar o entendimento dos conteúdos trabalhados e na elaboração de um plano de ação, necessário na elaboração de reflexões sobre as abordagens. As idas aos pólos também fez com que os professores da rede encontrassem nos Encontros de Formação mensais uma sólida base de conhecimentos, o que fez com que eles tivessem um maior acervo reflexivo e, por conseguinte, maiores possibilidades de intervenções no processo de construção do conhecimento.

Para Cunha (2003) um aspecto importante na constituição do conhecimento do professor de educação física é a interação do sujeito com o meio, sendo essa interação capaz de influenciar o meio através da ação do sujeito, bem como pode influenciar o sujeito através da ação do meio. Assim, o conceito de conhecimento pedagógico baseia-se nas representações que o professor de educação física, tem sobre o significado de sua prática, a partir dos dilemas que tem que resolver, da orientação política pedagógica e organização que dá ao seu trabalho e às suas aulas.

Outro achado é o envolvimento político dos formadores, ou seja, não apenas trazer o conhecimento referente às abordagens, mas um comentário crítico e sempre compromissado com a formação de um “novo professor”, qual seja, um professor que consiga analisar os dados da realidade, dando-lhes sentido e significado. Um professor que consiga julgar/identificar “a partir de uma ética que representa os interesses de uma determinada classe social”, além de tratar esse conhecimento atribuindo-lhe uma intencionalidade, ou seja, apontando um caminho ou um alvo a que se pretende alcançar.

Importante ressaltar que nos encontros dos pólos pudemos conhecer a realidade da escola pública nos seus diversos aspectos, tanto nas condições diferenciadas das

escolas com relação aos seus espaços físicos e materiais (principalmente sob o olhar da educação física), quantos das dificuldades da materialidade pedagógica dos professores.

Neste sentido, Negrine e Gauer (1990) afirmam que a escola pública, em geral, não apresenta espaços específicos para a realização de práticas corporais. Fica, então, a educação física sendo realizada em espaços não especializados, porém, como qualquer disciplina escolar, ela também deveria ter o seu. Os autores destacam que, geralmente, as ampliações de prédios dentro das escolas ocorrem sobre o espaço utilizado pelas aulas de educação física.

Especificamente no Pólo 05, encontramos algumas escolas em reforma, com quadras, material pedagógico para as aulas de educação física, bem como escolas precárias e sem as mínimas condições de receber alunos para as aulas práticas.

O relato de uma diretora que reclama sobre uma obra prometida para recuperação e cobertura da quadra aponta esta situação, que segundo ela:

“botaram a reforma para a Anayde Beiriz (escola) e a gente quer acabamento, conclusão de nossa quadra, faz oito anos que a gente nesse vai-vai, acho que deveria ser assim: primeiro a nossa, pra depois a de lá que é uma escola nova, ta começando agora, conversei até com a Secretária de Educação dizendo que eu não entendi o porquê de começar por lá primeiro”.

A diretora também relata as condições precárias para as aulas de educação física e diz que utilizou dinheiro do FNDE para melhorar a estrutura da quadra da escola.

Uma professora de Educação Física do Pólo 05 é prestadora de serviço há quatro anos. Leciona em 6 turmas do 1º ao 3º ano (tem uma turma do projeto Se liga). Diz que trabalhava à noite, mas afirma que houve uma reformulação e o “Prefeito” tirou a possibilidade dos professores trabalharem 60 horas e que agora a carga horária máxima é de 40 horas semanais. Por isso acha que a escola está sem professor de educação física à noite.

A professora ministra aula de Dança Circular, Alongamento e Yoga e também trabalha em outra escola Municipal. Contesta a falta de material esportivo na escola e diz que tem que trazer de casa, afirmando que o outro professor trabalha com voleibol e a escola possui uma única bola. A professora reclama das condições do trabalho quando fala da precariedade de recursos materiais e das instalações físicas:

“Tenho que trazer o som de casa para poder dar aula de dança e ensaiar para o São João, hoje não trouxe o som, estamos sem ensaiar... o som daqui ta empipinado (sic), é complicado aqui, viu.”

Continua relatando as condições de trabalho:

“Tem um colchão grande rasgado que dá para fazer aula de ginástica de solo, precariamente, mas dá, mas só até às 9h, porque não tem quem agüente o sol, depois das 9h, o sol torrante (sic)”

Faz um apanhado geral das dificuldades do trabalho com a educação física:

“As dificuldades aqui: a quadra não é coberta, o piso é grosso, caiu se arrebentou, não dá pra fazer, por exemplo, uma aula de capoeira, não dá pra fazer uma aula perfeita de ginástica de solo, porque os meninos não suportam sol – tia ta queimando as minhas costas. Entrou na quadra eles não podem mais sair para tomar água, pois não tem bebedor na quadra, só quando termina a educação física... Os alunos são muito indisciplinados, muita briga com canivete, mas graças a deus melhorou muito, alunos

de 1º ano com canivete, por isso que foi tirado o recreio desde o ano passado.”

Como trabalha com dança, diz ter dificuldades em trabalhar com tal conteúdo:

“A aula de educação física não avança por causa dessa quadra, porque aí nós poderíamos fazer aula de dança e yoga e o que eles precisam mais aqui é aula de alongamento e de yoga... e capoeira. Então a gente faz assim, o básico do básico.”

“A aula de dança acontece o seguinte, eu tenho que trazer o som de casa, eu sei que o projeto é a parte, mas assim comentando, então se eu quiser dança na aula de educação física, que eles adoram, amam de paixão, eu tenho que trazer som de casa e extensão, e aí ou eu uso aquele espaço (pátio) ou eu uso a sala de aula.”

Mostra uma sala de aula com alunos do 1º ano e tece a crítica, apontando para uma sala pequena e inadequada, aparentemente improvisada: *“Aqui é como se fosse depósito dentro da sala de aula”*.

Diz que por vezes atuou como agente de limpeza de certas áreas da escola:

“Aqui eu dava aula de educação física, mas estou sem tempo de limpar (mostra área da escola com mato), eu literalmente limpei, fiz uma campanha com os meninos para limpar lá do outro lado, mas graças a deus a gente já conseguiu uma pessoa da limpeza, mas antes quem limpava era o professor de educação física, na outra escola é ainda assim que acontece.”

Por fim, apesar de todas as dificuldades, afirma o compromisso com a profissão:

“Tem duas bolas velhas e rasgadas, quando a gente quer dar uma aula legal a gente tem que trazer bola de casa. A gente tem que falar nas dificuldades e tem que enfrentar.”

Já no pólo 4, percebemos nas falas dos professores uma indignação muito grande com as condições precárias em que as escolas se encontram. Seja por falta de material, seja pelo mínimo envolvimento dos professores e alunos no processo ensino aprendizagem. Numa das visitas, durante nossas reuniões a maior preocupação por parte dos professores é com a violência e principalmente a falta de uma estrutura mínima para as aulas. Outra dificuldade para os professores e principalmente para os alunos está em compreender e assimilar as propostas pedagógicas, pois em sua maioria os professores fazem um “mix” de várias abordagens, incorrendo num erro metodológico.

Esta constatação, confirma o pensamento de Januário (1996), quando diz que os professores utilizam-se de um modelo próprio de atuação na sala de aula, criando suas próprias rotinas, desenvolvendo concepções e teorias pessoais, muitas vezes diferentes de sua formação inicial.

O aluno acaba não compreendendo a finalidade, nem muito menos a intencionalidade da aula, diminuindo a assiduidade e provocando nos professores um desinteresse pela busca de novos conhecimentos e saberes. Um dos professores do pólo 4 relata que em decorrência da violência nos arredores da escola teve que se envolver com a comunidade e negociar suas aulas fora da escola, num campo improvisado. Ele diz que: *“a escola não oferece nenhuma estrutura, temos que dar as aulas como você pode ver aqui nesse espaço. Tem uma placa de concreto aqui em baixo da areia que serviu pra tapar um buraco de uma fossa”*.

Em outro momento, fizemos discussões em cima de textos¹ e nessas reuniões podemos perceber a grande importância desses momentos pedagógicos no que se refere as possibilidades de trocas de experiências e conhecimento. Em um desses espaços, iniciamos fazendo uma análise de conjuntura da educação física no Brasil e da influência do estado na direção do conteúdo e da forma que a educação física é trabalhada dentro do contexto escolar. Logo depois entramos diretamente no texto e fomos discutindo ponto a ponto. Aprofundamos a discussão nos pontos que se seguem: Por que o professor de educação física é deixado de lado nas reuniões pedagógicas? É importante fazer uma ponte entre o conhecimento e o estudante, mostrando ou desvelando o mundo em que ele está inserido? Nas nossas aulas provocamos uma reflexão crítica nos estudantes? Como percebemos a questão do autoritarismo dos professores nas aulas de educação física? É importante uma educação dialogada? Devemos perguntar os por quês aos estudantes! O esporte da escola e o esporte na escola! Como perceber essa realidade? Por que não fazer dos estudantes parte do processo ensino aprendizagem e principalmente da construção coletiva do conhecimento? É preciso mesmo alongar nas aulas de educação física? Devemos mostrar/apontar aos alunos caminhos para que eles construam seu próprio acervo de possibilidades reflexivas e cognoscentes! O esporte é cidadão, mas que cidadão é esse? (pausa para comentar o projeto amigos da escola); avaliar tem necessariamente que passar um grau de classificação como uma nota? Então, foram esses os questionamentos que nortearam nossa discussão e muitos outros elementos levantados pelos professores. Nesse sentido vale ressaltar que todos os professores mostraram que leram o texto e fizeram muitos apontamentos durante a discussão, o que mostra a importância de termos na formação continuada um momento de contato maior com os professores. Esse, alias, foi um dos pontos mais comentados pelos professores da rede. Isso pode ser percebido na fala de um professor, quando ele fala que “a discussão foi muito proveitosa e trouxe muitos elementos para construção de uma prática reflexiva na educação física”. Parafraseando com a fala do professor Libâneo (1994) fala que:

[...] em sentido amplo, a educação compreende os processos formativos que ocorrem no meio social, nos quais os indivíduos estão envolvidos de modo necessário e inevitável pelo simples fato de existirem socialmente; neste sentido, a prática educativa existe numa grande variedade de instituições e atividades sociais decorrentes da organização econômica, política e legal de uma sociedade, da religião, dos costumes, das formas de convivência humana [...] (p. 17)

Nesse sentido, as reuniões nos pólos se mostraram fundamentais para os professores, visto que, essas reuniões aumentaram em proporção direta as possibilidades cognoscentes dos mesmos, atuando como fonte geradora de conhecimento e oportunizando uma convivência e vivência ainda maior entre eles e o professor formador, o que trouxe ainda mais avidez e busca por novos conhecimentos.

¹ Utilizamos os seguintes textos: *Por uma educação física reflexiva que aprofunde a conscientização dos alunos* de Waldyr Lins de Castro, 1996. Nele desenvolvemos vigorosas discussões sobre a necessária reflexão acerca da educação física e seus conteúdos, além da busca do entendimento de uma metodologia que aprofunde o conhecimento e a criticidade dos alunos. Outro texto utilizado foi, o capítulo que trata da avaliação em educação física do livro Coletivo de Autores, 1992.

SOBRE O II FÓRUM MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O II Fórum Municipal de educação física foi um espaço onde discutimos a realidade da educação física na rede municipal da cidade de João Pessoa e fez parte dos debates realizados na formação continuada de professores em 2008. Acreditamos que é necessário aproveitar o momento que vive a escola pública municipal, com seus problemas estruturais e discutir a educação física como disciplina inserida no espaço escolar. Nesse fórum, as discussões centrais estiveram situadas nas questões relacionadas as diretrizes curriculares, nas políticas públicas e nas práticas pedagógicas da educação física. Com isso nós pretendíamos mostrar que o processo de transformação social vincula-se ao processo de mudança da escola pública e que a educação física pode contribuir com este debate. Para tanto, precisa-se ter subsídios teóricos práticos enquanto práxis, alicerçando numa perspectiva de lutas que considere o papel crítico e emancipador da ação do educar. Desse modo, precisamos avançar nas discussões sobre a concepção crítico-superadora, construindo diretrizes que estabeleçam laços concretos com os projetos de transformação social e, sobretudo, práticas pedagógicas voltadas para os anseios dos nossos alunos. Esse espaço é um passo na concretização do projeto que queremos ver consolidado na cidade de João Pessoa, mas o seu êxito depende do compromisso, da participação e dedicação de cada professor.

A participação dos professores da rede municipal de ensino nos espaços foi de fundamental importância na elaboração de uma carta encaminhada a secretaria da educação e cultura do município de João Pessoa e teve como encaminhamentos os seguintes:

Encaminhamentos do GT – Diretrizes Curriculares do Ensino da Educação Física.

Fórum permanente de educação física escolar, vinculado com a formação continuada docente;

Manutenção da construção do livro didático público na educação física;

Permanência e ampliação do tempo contratual da formação continuada em educação física no modelo da relação teoria-prática nas escolas;

As diretrizes curriculares devem ter como eixo teórico a perspectiva crítico-superadora, levando em consideração a realidade escolar do município de João Pessoa;

Construção das diretrizes curriculares em educação física de caráter interdisciplinar;

A importância da valorização do trabalho docente, salarial, condições de trabalho igualitário e aumento de professores nas escolas;

Definição clara do papel da educação física na escola bem como do conceito de educação física escolar.

Atualização/construção das diretrizes curriculares da educação física do município.

Encaminhamentos do GT - Políticas Públicas e suas relações com as práticas pedagógicas da Educação Física Escolar.

Propor que as políticas públicas educacionais da área de educação física considerem a cultura corporal como marco teórico;

Que as atividades relacionadas ao esporte escolar se mantenham ligadas a secretaria de educação – defise;

Lutar para que haja o envolvimento na melhoria da estrutura física (da escola) por parte do setor de educação física;

Garantir o chamamento público na forma de edital para as próximas formações continuadas, com no mínimo dois anos de duração. além de garantir a cultura corporal como o eixo norteador do projeto;

Solicitar da defise um levantamento criterioso dos programas de governo que tratam da educação física e esporte escolar, com o propósito de buscar formas de implementação de recursos que possibilitem a aquisição de material, de construção, de equipamento físico;

As políticas públicas voltadas à educação inclusiva na educação física se insiram nos programas da secretaria de educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Várias transformações ocorridas dentro da própria escola, advindas da lógica perversa do capital alteraram a prática pedagógica dos professores. De certa forma viu-se uma padronização de uma abordagem de ensino balizada na aptidão física, no rendimento e principalmente na fabricação de alunos cada vez mais competitivos e individualistas. Vivemos no mundo da contradição, quando deveríamos explorar menos nossas reservas naturais, fazemos justamente o contrário, exploramos e desmatamos ainda mais. Quando deveríamos humanizar a escola e trazer uma perspectiva que realmente dê conta de expor as contradições presentes na sociedade, fazemos o contrário, alicerçamos um modelo de ensino baseado na premiação de competências – o modelo esportivizado. Nas palavras de Saviani (2002),

[...] a educação que tenderia, sobre a base do desenvolvimento tecnológico propiciado pela microeletrônica, à universalização de uma escola unitária capaz de propiciar o máximo de desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos e conduzi-los ao desabrochar pleno de suas faculdades espirituais, é colocada, inversamente, sob a determinação direta das condições de funcionamento do mercado capitalista [...] (p. 22)

Portanto, devemos alimentar uma prática pedagógica que pense novas formas de tratar os conhecimentos referentes à educação física, uma prática que possa conferir ao corpo escolar, novas possibilidades de entender e perceber essas contradições. Nesse sentido, perguntamos que prática pedagógica queremos? De que forma, e a partir de que elementos de ensino podemos perceber essas contradições?

A questão da precarização do trabalho docente é outro elemento preocupante, gerando uma dilapidação deliberada da escola pública. Acreditamos que só a luta

organizada dos trabalhadores em educação pode alterar este quadro. As perspectivas de organização também estão fragilizadas pelos contratos precários. Muitos professores sentem-se acuados sabendo que, qualquer tentativa de manifestação ou organização, podem ser sumariamente demitidos, sem direito a apelação. Muitos deles nem chegam a receber cópia do “contrato” de trabalho. Neste momento este é o papel do sindicato, porém é preciso travar uma luta ideológica contra o processo de cooptação tão em moda nos dias atuais.

Esta luta não é apenas dos professores, faz parte do processo mais amplo do desejo de transformação de nossa sociedade, que, a passos largos, caminha para a barbárie. Assim, acreditamos que devemos romper com a lógica das teorias não-críticas e das críticas-reprodutivistas (SAVIANI, 2003) e lutarmos pela possibilidade de implantação, na rede pública de ensino, da teoria histórico-crítica e, especificamente na educação física, a concepção crítico-superadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001
- BRASIL. Lei 11.738. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 2008.
- BRASIL. Lei LDB 9394. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 1996.
- CASTELLANI FILHO, Lino. Política Educacional e Educação Física. Polêmicas do nosso tempo. Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 1998.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.
- CUNHA, Fernando José de Paula. Prática pedagógica de professores de educação física: um estudo de casos na rede pública estadual em Florianópolis – SC. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- FARIAS, Geocemar de Oliveira. O percurso profissional dos professores de educação física: rumo à prática pedagógica. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JANUÁRIO, Carlos. Pensamento do professor à sala de aula. Coimbra: Almedina, 1996.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo, Cortez, 1994.
- NASÁRIO, Sônia Teresinha. Concepção da prática pedagógica do professor de educação física: importância e influência no aluno. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.
- NEGRINE, A., GAUER, R.M.C. Educação física e desporto: uma visão pedagógica e antropológica. Porto Alegre: Posenato, 1990.
- SAVIANI, Dermeval. Transformações do Capitalismo, do Mundo do Trabalho e da Educação. In: LOMBARDI, J.C., SAVIANI, D. e SANFELICE, J.L. (orgs.). Capitalismo, trabalho e educação. São Paulo: Autores Associados, 2002.
- SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. Campinas, S.P.: Autores Associados, 2003.
- GTT – Formação Profissional e Mundo do Trabalho
Endereço: Rua Professor Hipólito Ribeiro Freire, 340 – apt 302 Ed. Vila do Alto – Altiplano João Pessoa – PB CEP: 58046-130

E-mail: fernandoef@ccs.ufpb.br

Forma de apresentação: Comunicação Oral

Recurso tecnológico: Datashow

